

A emergência da mídia nas conversas e produções infantis sobre livros literários¹

Media emergence in children's talks and productions about literary books

Rosa Maria Hessel Silveira²

Liége Freitas Barbosa³

Resumo: O artigo parte de referências às discussões em torno da relação entre mídia e infância, enfatizando a existência atual de uma infância midiaticizada. Considerando tal cenário, seu objetivo é analisar referências midiáticas - falas, desenhos e registros escritos que envolvem a mídia, compreendendo tanto as menções às “velhas mídias”, isto é, os meios tradicionais de comunicação (TV, rádio, impresso) quanto as menções às “novas mídias” (internet, jogos digitais etc.). As referências foram capturadas no desenrolar de uma pesquisa sobre leitura de livros literários, realizada através de sessões de leitura partilhada e discussão conjunta de livros previamente escolhidos com duas turmas de 4º e 5º ano de escolas públicas de Porto Alegre/RS. A pesquisa da qual os dados são coletados não tem como objetivo a exploração da mídia, mas enfatiza a relação entre as leituras e as experiências pessoais das crianças. Como resultado não previsto, nas discussões e trabalhos (desenhos do cotidiano) motivados pela leitura de “O pato, a morte e a tulipa”, de Wolf Erbruch, e “A caminho de casa”, de Jairo Buitrago, emergiram referências variadas à presença da TV, de filmes, de celulares e videogames na vida das crianças, mesmo se levando em conta que a maioria delas não pertence a classes economicamente favorecidas. Lançamos mão de aportes teóricos de Sibilia (2012), Girardello e Orofino (2008), Fantin (2009), entre outros, para compreender a emergência de uma criança conectada tanto às velhas quanto às novas mídias, e concluímos que, se a produtividade da leitura literária está relacionada à necessária conexão entre texto e experiência do leitor, as vivências trazidas pela mídia integram de maneira radical os atos de leitura das crianças contemporâneas.

Palavras-chave: Leitura literária; Mídia; Anos iniciais.

Abstract: This paper draws on references to discussions about the relation between media and children, stressing on current mediatised infancies. Considering this scenery, it aims to analyse media references — talks, pictures and written registers concerning media, understanding both references to the ‘old media’, i.e., traditional means of communication (TV, radio and printing) and the ‘new media’ (internet, digital games, etc.). I take references from an investigation of literary book reading in shared reading sessions and discussions of books chosen in fourth- and fifth-year classes in public schools in Porto Alegre/RS. The investigation for data were collected does not aim to explore media, but it stresses on the relation between reading and children's own experiences. As an unforeseen result in discussions and works (pictures of everyday life) encouraged by the reading of Wolf Erbruch's *Duck, Death and the Tulip* and Jairo Buitrago's *A caminho de casa*, various references to TV, movies, cell phones and videogames

1 O presente artigo é resultado de análises de dados de pesquisa empírica que integram o Projeto “Percurso e representações da infância em livros para crianças – estudo de obras e leituras”, apoiado pelo CNPq com Auxílio Pesquisa, Bolsa de Produtividade em Pesquisa e Bolsa de Iniciação Científica. O projeto foi submetido e aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), tendo seguido todos os trâmites referentes à obtenção de Termos de Consentimento e Termos de Assentimento das crianças e seus responsáveis. Por questões de sigilo, não há identificação nem de escolas nem de alunos.

2 Professora colaboradora convidada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Email: rosamhs@gmail.com

3 Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Bolsista CNPq. Email: liegebarbosa@gmail.com

in children's life, even considering that most of them does not belong to the favoured class. We have drawn on assumptions by Sibilia (2012), Girardello & Orofino (2008), Fantin (2009) to understand emergence of the child connected to both old and new media. We have concluded that, if productivity of literary reading is related to the connection between text and the reader's own experience, life experience provided by media radically integrate contemporary children's reading.

Keywords: Literary reading; Media; First years at school.

Situando o tema

As relações entre a mídia e as crianças, para além de todos os estudos e pesquisas acadêmicas, são um tema que subjaz a decisões, atitudes e costumes de milhões de famílias ao redor do globo. Entreter as crianças enquanto se está fazendo tarefas domésticas, tarefas profissionais domiciliares ou, mesmo, enquanto se está desfrutando do seu próprio lazer adulto, oferecendo uma companhia colorida, iluminada, sonora e móvel constitui uma prática cotidiana da esmagadora maioria de nossas casas, independentemente de classe social e de outros fatores, ainda que, em algumas (ou muitas?) delas, os usos, os limites e os riscos sejam motivo de discussão e motivem restrições e normas.

Primeiramente, como certamente todos os leitores recordam, o foco de desconfiança foi direcionado à TV – vista pelos “apocalípticos” como embrutecedora, alienante, manipuladora, um autêntico “perigo” para as crianças que, dentro da lógica da educação ocidental tradicional, poderiam ser seduzidas por uma cultura apenas da imagem, de futilidades, de entretenimento vazio, com doses de violência e apelo sexual, indesejadas e distantes da cultura letrada e canônica das escolas. Entretanto, as mudanças não pararam por aí. Como aponta Sibilia (2012, p. 14), os “aparelhos móveis de comunicação e informação, tais como os telefones celulares e os computadores portáteis com acesso à internet, (...) alargaram num abismo a fissura aberta há mais de meio século pela televisão e sua concomitante ‘cultura audiovisual’”. E a autora aponta a emergência de “diversas tentativas de fundir de algum modo os dois universos: o escolar e o midiático” (p. 14), para que se supere este conflito – escola *versus* novos sujeitos – cada vez mais premente.

Por outro lado, há que se considerar, no caso brasileiro (e, possivelmente, em outros países, também), a alusão, emergente em vários estudos acadêmicos, à “realidade social de hoje, em que a disparidade nos padrões de consumo cultural ajuda a consolidar uma barreira, uma fronteira cada vez maior entre as crianças de níveis socioeconômicos distintos” (2008, p. 119). Mas, para além de uma simples oposição entre experiências midiáticas de crianças de diferentes níveis socioeconômicos, Orofino traz uma observação que nos inspira para o presente trabalho. Afirmar ela:

O que os estudos de comunicação e da mídia têm buscado demonstrar nos anos recentes, sobretudo com o desenvolvimento dos estudos culturais, é que o consumo das mídias se faz no cotidiano e que, portanto, as experiências de consumos culturais precisam ser pensadas com base na diversidade de cenários e contextos sócio-históricos nos quais estas mídias estão inseridas (OROFINO, 2008, p. 120).

Como salienta a autora, as pesquisas na área da comunicação têm revelado a presença e consumo das mídias na vida cotidiana das pessoas nas mais diversas ambiências sociais, históricas e, por que não dizer, econômicas. Contudo, para além das experiências pontuais de consumo cultural das mídias de que nos fala Orofino, há abordagens que entendem que a mídia opera de maneira a constituir a própria

sociedade contemporânea, enquanto articuladora dos processos de interação. Autores como Braga (2009) e Fausto Neto (2006) acreditam que vivemos em uma sociedade midiaticizada (ou em vias de midiaticização) na qual as mídias atuam como fundadoras de novas maneiras de produção, de participação e de organização social. Na mesma perspectiva, Gomes (2016) afirma que a sociedade midiaticizada dispõe de refinados meios tecnológicos que não só oportunizam e potencializam a comunicação, como também criam uma nova atmosfera que designa modos de ser, pensar e agir em sociedade. Os meios, nesse sentido, seriam parte integrante da autocompreensão social e individual dos sujeitos.

Nesse trabalho, pensamos na possibilidade de uma infância que estaria em processo de midiaticização ou, mais, refletimos sobre a existência de uma infância midiaticizada na atualidade. Propomos essa abordagem no sentido de visualizar o alargamento da atuação do campo midiático no processo de construção de sujeitos. Nesse sentido, pensamos na midiaticização não apenas como atuando de forma complementar às outras atividades das pessoas, mas sim como um processo social. Dessa forma, quando tratamos da presença das mídias na vida infantil e de como elas constituem a infância na contemporaneidade, focalizamos uma infância que emerge permeada e atravessada por uma multiplicidade de produções midiáticas do nosso tempo, onde convergem novas e velhas mídias. Pois bem: é na confluência entre a infância contemporânea e a presença da mídia que se situa o presente estudo, com a peculiaridade de que, em tal confluência, ocorre uma intersecção com leituras de literatura infantil.

Objetivo e caminhos metodológicos

O presente artigo se insere no contexto de pesquisa mais ampla, do campo da literatura infantil, cujo objetivo maior é o de analisar representações de infância em livros literários para crianças, conectando tais representações com as leituras que crianças de escolas públicas fazem de alguns dos livros escolhidos. Uma das abordagens metodológicas adotadas na pesquisa é a realização de sessões de leitura compartilhada de livros previamente escolhidos, com posterior discussão dos mesmos com turmas de 4º ou 5º ano do Ensino Fundamental. Com inspiração em vários especialistas em leitura literária, com destaque para Chambers (2007), que se dedica de maneira sistemática a discutir a importância da conversa sobre leituras compartilhadas, apontando acertos e equívocos de tal estratégia, temos enfatizado tal prática, às vezes ignorada e desprestigiada em benefício de outras com produtos mais palpáveis e espetaculares (encenações e exposições motivadas por livros, por exemplo).

As sessões – em número de sete ou oito, cada uma dedicada a uma obra – são dirigidas por uma ou duas pesquisadoras e contam com a participação da professora de classe, sendo gravadas em vídeo e áudio, assim como também é feito um diário de campo pelas participantes. Além da leitura compartilhada e discussão, sempre é proposta uma atividade diferenciada (um texto, uma representação imagética etc.) que se conecte a algum aspecto do livro, em articulação com as experiências das crianças. As transcrições das discussões e a análise das produções das crianças nos permitiram visualizar a frequência com que as mídias – fossem as velhas, fossem as novas – se faziam presentes nas produções dos alunos: em suas falas, desenhos, menções, escritas. Buscando esquadrihar tais alusões, concentramo-nos, no presente artigo, na análise dos dados que emergiram a partir de duas obras: “O pato, a morte e a tulipa”, de Wolf Erlbruch, e “A caminho de casa”, de Jairo Buitrago e Rafael Yockteng. É importante observar que as crianças das duas turmas cujos dados trazemos pertencem a famílias de baixa renda, sendo que, no caso da escola municipal, situa-se em bairro de alta vulnerabilidade social e periculosidade.

A morte e o terror - conversando sobre “O pato, a morte e a tulipa”

“O pato, a morte e a tulipa”, do premiado autor alemão Wolf Erlbruch, consiste em obra publicada no Brasil pela editora Cosac Naify, atualmente fora de catálogo⁴. Com um texto enxuto e imagens grandes, sugestivas, mas quase sem cenário, o narrador nos traz a história da aproximação e do encontro entre o pato e a morte. Assim se inicia a história:

- Fazia tempo que o pato sentia que algo não ia bem.
- Quem é você, e por que fica andando atrás de mim?
- Ainda bem que você finalmente percebeu – disse a morte.
- Eu sou a morte (ERLBRUCH, 2009, s/p).

Inicialmente assustado, o pato começa a dialogar com a Morte, que carrega consigo uma tulipa; desenvolve-se então uma amizade entre os dois, através de diálogos curtos, mas carregados de simbolismo, e de algumas atividades partilhadas, como subir numa árvore. Enfim, o pato sente um calafrio e pede para a Morte abraçá-lo, para se esquentar. O abraço, como se pode imaginar, significa a morte para o pato. A Morte então carrega o corpo do pato “até o grande rio”, deposita sobre ele a tulipa que sempre carregava e o vê sendo levado pela corrente. “Mas assim era a vida” são as palavras finais do livro, o qual, através de uma última imagem – a da Morte ladeada por uma raposa e uma lebre -, acena para uma situação que se repete de forma cíclica. Trata-se de um livro de grande carga poética e poder sugestivo, em que imagem e texto se entrelaçam e contribuem para a narrativa do encontro.

Chama a atenção, na obra, a representação imagética da morte – ela é desenhada com uma caveira que está acima de um corpo trajado com uma espécie de túnica xadrez longa, deixando visíveis apenas os pés com sapatos escuros e as mãos também escuras. Para o trabalho com esta obra – que aborda um dos temas considerados difíceis, delicados, tabus na literatura para criança – optou-se por uma motivação prévia que, justamente, procurasse trazer à tona as representações imagéticas que as crianças tinham da morte, como personagem.

Na turma A (escola municipal), ocorreu o seguinte diálogo:

- P1: - Como a gente pode desenhar a morte? Alguém tem alguma ideia?⁵
- A1: - uma caveira
- A2: - com capuz
- A3: - e com machado na mão
- P1: - Acho que não é bem um machado...
- A4: - uma foice
- P1: - Uma foice! E onde tu já viu isso?
- A1: - nos Simpsons
- A4: - e no Desenho das Crianças Malcriadas

Oportuno observar como, a partir da motivação prévia, a conversa com a turma de alunos ganha corpo e as representações imagéticas sobre a morte emergem identificadas por meio de alguns estereótipos,

4 A obra foi selecionada pelo MEC para compor o acervo do PNLD-PNAIC 2014, o que garante sua presença nas bibliotecas de um grande número de escolas públicas brasileiras.

5 P1 e P2 – correspondem às vozes das pesquisadoras – pesquisadora 1 e pesquisador(a) 2. A letra A seguida de um número corresponde às vozes dos alunos. A letra minúscula (a) indica a fala de meninas e a letra minúscula (o) se refere à fala de meninos.

tais como “caveira”, “machado” e “foice”. Na sequência, as menções das crianças passam a indicar produções midiáticas específicas, como desenhos animados e filmes de terror. No caso de *Historietas Assombradas (para Crianças Malcriadas)*, trata-se de uma série de animação brasileira que combina humor e terror e circula em torno de Pepe, um menino de 11 anos que entrega as poções mágicas que a sua avó, uma velha bruxa, vende pela internet. O contato com tais produtos leva Pepe e seus amigos a viverem aventuras enfrentando monstros, fantasmas, espíritos e diversas criaturas sobrenaturais. No desenho, a morte é uma personagem, uma espécie de porteira responsável por levar os mortos, e também é a irmã mais nova da vó e tia-avó de Pepe. O curioso sobre este personagem é que a morte, além de ser disléxica, aparece como uma motoqueira ruiva com um corpo jovem e sensual (como é possível observar na Figura 2, imagem central).

Na sessão posterior a esta, em que – conforme uma das estratégias da pesquisa – relembramos o livro lido anteriormente, também foi relevante a ocorrência do seguinte diálogo:

P1: - Aí vocês me disseram que já tinham visto outros desenhos da Morte, não é?

A1(o): - Sim!

P1: - Vocês lembram ainda?

A1(o): - Da Turma da Mônica...

A amplitude e o alcance dos personagens de Maurício de Sousa, que se espalharam por várias mídias e produtos culturais e comerciais, a partir das revistinhas iniciais, dispensam maiores informações. Na TV, nos filmes, nas revistas, vários “núcleos” da Maurício de Sousa Produções são amplamente conhecidos pelas crianças brasileiras; neste caso, a referência à Turma da Mônica possivelmente aponte para a personagem Dona Morte, da turma do Penadinho, formada por personagens que vivem em um cemitério.

Já na turma B (escola estadual), as trocas trouxeram outras referências:

P1:- E será que dá pra desenhar a morte? Vocês já viram algum desenho em algum lugar, que é como desenhar a morte?

A1(a): - Num quadrinho de super-herói, eles matam o bonequinho daí o bonequinho fica sentado...

A2(a): - Sai sangue, né?

P1: -E morte mesmo vocês nunca viram desenhada, assim, uma representação da morte?

A3(o): - Eu já vi, sora! O nome dela no desenho é “Puro Osso”

P1: - Ah, é mesmo!

A3(o): - É das “Aventuras de Billy e Mandy”!

P1: - E como é que era o Puro Osso?

A3(o): - Ele era uma caveira que usava um capuz preto e tinha uma foice...

P1: - Alguém tem coragem de vir aqui desenhar...? Vem... ela aqui levantou...

[uma aluna levanta e vai até o quadro desenhar a Morte]

Figura 01: A morte desenhada por uma menina



Fonte: dados coletados na pesquisa

É importante registrar que, além dos relatos capturados e das conversas produzidas em sala de aula, experiências com a produção de desenhos também integravam as práticas da pesquisa de literatura infantil e se constituem como parte relevante do trabalho. Enquanto a menina desenhava no quadro, o diálogo continuava a explorar o tema da morte a partir das recorrências e menções das crianças a partir de suas referências culturais.

Assim, vemos como, na Figura 1, a morte aparece vestida de preto, usando capuz e portando uma foice ensanguentada. No chão, uma pessoa ferida, caída e de braços abertos, ceifada pela figura implacável. Este desenho, mesmo contendo indicadores que se relacionam ao estereótipo corrente no mundo ocidental associado à figura da morte, também evidencia referências a desenhos animados e filmes de terror que as crianças dizem ter assistido. Tais menções a diferentes produções audiovisuais podem indicar, por parte das crianças, hábitos cotidianos e familiaridade com o consumo midiático.

Ao acessarmos e analisarmos as figuras/personagens⁶ inicialmente referidas pelas crianças como representações da morte, observamos que, pelo menos duas delas (respectivamente, a Dona Morte e o Puro Osso) apresentam traços muito similares ao desenho feito pela menina na Figura 1. A representação menos comum ou menos estereotipada, digamos assim, fica por conta da personagem de “Historietas Assombradas”.

De acordo com o Portal Criança e Consumo⁷, projeto do Instituto Alana⁸, somente em 2013 foram movimentados cerca de R\$ 112 bilhões em investimento publicitário no Brasil, sendo que a televisão concentrava 70% desse montante. “Ao cruzar essa informação com o fato de a criança brasileira passar em média cinco horas e 35 minutos por dia assistindo à programação televisiva (Painel Nacional de Televisão, Ibope 2015) é possível imaginar o impacto da publicidade na infância” (CRIANÇA E CONSUMO, 2014). Mesmo que o foco deste trabalho não esteja nos efeitos produzidos pela publicidade junto ao público infantil, esses dados ilustram a importância e inserção da TV nos lares brasileiros, ainda mais quando se trata do tempo que as crianças ficam assistindo à programação televisiva. A mesma pesquisa⁹ do Ibope

6 Em função de direitos autorais, as ilustrações de Dona Morte, Puro Osso e Historietas Assombradas não foram colocadas no corpo do trabalho. Contudo, podem ser facilmente encontradas em sites da internet.

7 Disponível em: <http://criancaconsumo.org.br/consumismo-infantil/>

8 “O Instituto Alana é uma organização sem fins lucrativos criada em 1994 que tem como missão fomentar e promover a assistência social, a educação, a cultura, a proteção e o amparo da população em geral, visando à valorização do homem e à melhoria da sua qualidade de vida, conscientizando-o para que atue em favor de seu desenvolvimento, do desenvolvimento de sua família e da comunidade em geral, sem distinção de raça, cor, posicionamento político partidário ou credo religioso”. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/VideoAlana/about>

9 Os dados integram o **Painel Nacional de Televisão, do Ibope Media**, que registra a evolução do tempo dedicado à TV

Media (2015), divulgada pelo Portal, constata que, de 2004 a 2014, o tempo em que as crianças e adolescentes assistem TV aumentou, em média, 52 minutos. “Em 2004 o tempo médio por dia de exposição à TV foi de 4h43; ao longo dos anos esse número aumentou e em 2014 chegou a 5h35, mais tempo que uma criança passa por dia na escola” (CRIANÇA E CONSUMO, 2015).

Essa constatação da penetração televisiva no cotidiano das crianças e do tempo que dispendem com a TV ganha ressonância quando atentamos para a diversidade de produções fílmicas de terror que foram mencionadas pelas crianças, enquanto teciam comentários sobre o desenho da representação da morte que estava sendo produzido pela menina no quadro. Segue a conversa:

A4(o): - É mais ou menos o Pânico!

P2: - Do filme?

A5(a): - É, só que o Pânico... [inint]

A6(o):- Do Sobrenatural!

P2: - Vocês já viram o filme do Pânico?

[vários alunos juntos]: Sim! (...)

A7(o): - Eu vi até Sobrenatural!

A8(a): - Anjos e Demônios...

A9(o): - Atividade Paranormal!

A10(o): - Eu vi A Invocação do Mal!

P2: - Nem eu tive coragem de ver esse filme!

A11(a): - Eu vi o It, A coisa!

Cabe salientar que os filmes que algumas crianças afirmaram assistir - *Pânico* (1997), *Sobrenatural* (2018), *Anjos e Demônios* (2009), *Atividade Paranormal* (2009), *A Invocação do Mal* (2013), e *It, A coisa* (2017) - têm, todos eles, classificação indicativa proibida (ou não recomendada) para menores de 14 ou 16 anos. Mesmo que não saibamos como se deu o processo de mediação das crianças na assistência a tais filmes de terror, supomos que o acesso tenha se dado ou através do computador (por meio de plataformas de vídeos e sites que disponibilizam filmes) ou da televisão, que, segundo Fantin (2009), é a maior fonte de acesso das crianças brasileiras às produções cinematográficas (p. 213).

Ao analisar a relação entre cinema e criança em vários contextos socioculturais, para entender, entre outros aspectos, de que forma os diferentes modos de assistir filmes operam na construção do imaginário infantil, Fantin (2009) lança mão do conceito de vivência e experiência (a partir de Walter Benjamin) para afirmar que, a partir deste conceito, “é possível observar que a vivência individual, fugaz e passageira de assistir a um filme pode transformar-se em experiência quando narrada, refletida e compartilhada” (p. 215-216). Nesse sentido, o encontro das crianças com os filmes despertaria experiências como as que foram divididas conosco no momento da conversa sobre o livro “O pato, a morte e a tulipa”. Por outro lado, não se pode desprezar um certo tom de competição e de desafio de valentia que se estabeleceu naquele momento entre as crianças desta turma (quase todas completando 10 anos no ano da gravação), o que, por outro lado, não tira o poder significativo das menções.

(canais abertos e fechados, não incluindo os programas assistidos sob demanda) por crianças e adolescentes entre 4 e 17 anos de todas as classes sociais. O tempo foi contabilizado diariamente por meio do people meter em 15 regiões metropolitanas do Brasil.

A mídia no cotidiano infantil, a partir de “A Caminho de Casa”

Outra obra a que foi dedicada uma sessão do projeto foi “A caminho de casa”, com texto de Jairo Buitrago, colombiano, e ilustrações do peruano Rafael Yockteng, Escrita em primeira pessoa, o texto escrito se resume à sequência abaixo, cada segmento em uma página simples ou dupla.

Na volta para casa, venha comigo...

... para que eu tenha com quem conversar e não adormeça no caminho.

O longo caminho que me afasta do centro da cidade.

Vamos mais rápido que todos...

... e espere por mim.

Chegaremos juntos ao bairro...

... à venda onde já não temos crédito.

Coma com a gente...

... e, se quiser, espere mamãe voltar da fábrica.

Você pode ir embora de novo, se quiser..

... mas volte quando eu pedir (BUITRAGO, 2012).

Efetivamente, o que ilumina o sentido do texto são as ilustrações, que mostram quem é o destinatário do convite – um leão, símbolo da fortaleza, que acompanha a menina até sua casa - e também a mostram em sua condição de criança de família pobre, que cuida de um irmão menor, cozinha e espera sua mãe voltar para casa e dormirem todos juntos, enquanto um porta-retratos na cabeceira da cama mostra a foto da família completa (com o pai) e um jornal apagado faz referência a “desaparecidos”. O enredo simultaneamente mistura um plano realista (cujas experiências alguns dos alunos talvez partilhem) e um plano imaginativo, mágico, em que se projetam os medos e angústias da pequena protagonista.

Pois bem: após a leitura e as conversas sobre a obra, em que houve intensa participação das crianças, em ambas as escolas, foi solicitado às crianças que, em quatro quadrinhos, desenhassem “o que tu fazes quando chegas em casa. Podem ser várias atividades, como as da personagem do livro. Também podes escrever uma breve identificação dessas atividades”. A opção em solicitar que as crianças desenhassem e não necessariamente narrassem por escrito veio do nosso conhecimento de que, em ambas as turmas, o desenho era uma linguagem em que quase todos se sentiam à vontade para se expressar.

À parte outras análises possíveis quanto a tarefas domésticas, refeições, brincadeiras, sonecas e realização do tema, é realmente surpreendente a menção – ora puramente imagética, ora através da identificação da atividade por escrito – à presença da mídia no cotidiano infantil. Vejamos algumas imagens:

Figura 02: desenhos com referência a filmes de terror, “Cheias de Charme” e “Detetives do Prédio Azul”



Fonte: dados coletados na pesquisa

Nas imagens acima selecionadas, podemos verificar especificamente a presença da TV e – para além da simples presença do aparelho – o registro do programa a que as autoras dos desenhos habitualmente assistiam. Na primeira turma em que fizemos a atividade, esta ocorreu em novembro de 2016 e alguns dos programas citados pelas crianças estavam, então, sendo exibidos.

Neste sentido, registre-se que a telenovela *Cheias de Charme* foi citada (com seu título estampado na tela) por várias meninas (e apenas por elas) nesta turma. A novela em questão foi produzida e exibida na Rede Globo no ano de 2012, originalmente, mas, em 2016, ela foi reapresentada no conhecido programa de reprises de novelas da mesma rede, denominado “Vale a pena ver de novo”.

Vários estudos já foram feitos sobre as telenovelas, em especial as brasileiras, assinalando-se algumas de suas características que as aproximam dos folhetins, ao mesmo tempo que destacam uma certa procura de tomar vivências, aspirações, acontecimentos do momento ou de um determinado período como matéria e tema de seus personagens, ações e enredo. Neste sentido, *Cheias de Charme*, ao focalizar como protagonistas três empregadas domésticas chamadas Marias, que se tornam amigas por vários motivos e acabam por formar um grupo musical que alcança sucesso, possivelmente encontrou ressonância e provocou processos de identificação em muitas jovens de classes menos privilegiadas economicamente, que reconheciam muitas das situações vividas, assim como muitas das aspirações vivenciadas. Registre-se também uma coincidência histórica entre o momento de produção da novela e uma fase em que a classe C, no contexto brasileiro, obteve algumas conquistas que lhe sinalizaram movimentos de ascensão social.

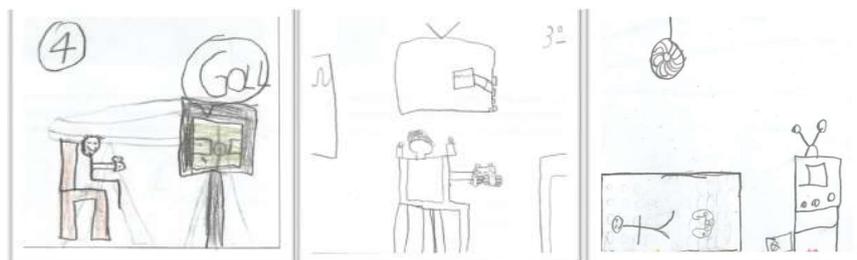
Outra novela – esta, de caráter mais juvenil – que foi imagetivamente mencionada nos desenhos da primeira turma, foi *Cúmplices de um resgate*. Trata-se de telenovela produzida e exibida originalmente pelo SBT, entre agosto de 2015 e dezembro de 2016, que consistiu em uma adaptação da telenovela mexicana *Cómplices al rescate*. A exibição do remake infantojuvenil buscou manter o sucesso histórico obtido pela emissora nas antecessoras, *Carrossel* e *Chiquititas*. Especificamente, *Cúmplices de um Resgate* trabalha com vários clichês da dramaturgia e dos folhetins em geral, como o de gêmeas separadas ao nascer, que não se conhecem e têm destinos diferentes, por exemplo. Foi a atriz Larissa Manoela que interpretou as personagens principais Manuela e Isabela, numa trama que narra o cotidiano de duas irmãs gêmeas que trocam de lugar. *Cúmplices* foi sucesso de audiência no SBT e nas redes sociais, com o seu canal de vídeos no *Youtube* com mais de 1,2 bilhão de visualizações e mais de 100 produtos licenciados. Observe-se, pela sua presença nas referências das crianças da primeira escola da pesquisa, a sua efetiva penetração nas classes populares.

Alguns outros programas ainda foram referidos imagetivamente ou através de palavras, mas não o foram de maneira numericamente expressiva, como é o caso de *Detetives no Prédio Azul*, série brasileira direcionada para um público infantil, em que meninos e meninas “comuns” (e aqui estamos usando este adjetivo para caracterizar crianças de classe média que moram em um edifício antigo, bastante distante dos prédios modernos e sofisticados) realizam “investigações” sobre fatos estranhos, que geralmente envolvem personagens também bizarros.

Observe-se, por outro lado, que, em um dos desenhos acima reproduzidos, o menino se desenha sentado no sofá, sob um grande ventilador de teto, assistindo à TV, cuja programação é “identificada” com a expressão “filme de terror” (possivelmente ecoando a temática e estabelecendo uma conexão com a sessão de leitura anterior sobre o livro “O pato, a morte e a tulipa”). Entretanto, para além destas referências à TV (e é preciso lembrar, ainda, a frequência com o que o aparelho de TV está presente nos desenhos em

que as crianças retratam suas casas), é importante voltar nosso olhar para a presença das novas mídias. Assim, localizamos com frequência, menções à utilização de videogame, aparelho celular e tablet. Vejamos algumas imagens abaixo:

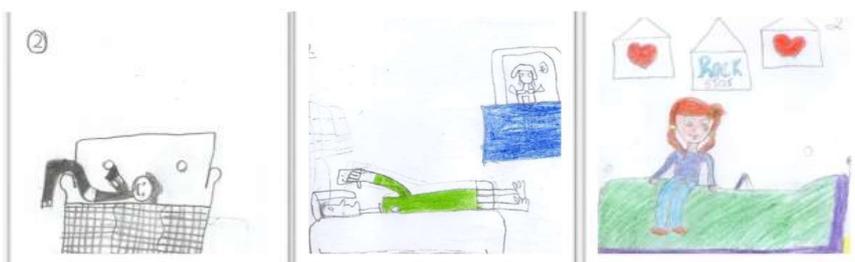
Figura 03: desenhos com referência ao videogame



Fonte: dados coletados na pesquisa

Observa-se que, nas duas primeiras imagens acima, os meninos se desenhavam sentados em uma cadeira com um joystick na mão - ambos estão jogando videogame. No caso da primeira figura, o menino foi bem específico em seu desenho, pois a tela da TV mostra um campo de futebol e, acima da TV, um balão onde está escrito “Goll”, em menção ao narrador das partidas de videogame. Na terceira imagem, o menino está deitado no que possivelmente parece ser uma cama - e mais uma vez nota-se a presença do joystick (controlador de jogo).

Figura 04: desenhos com referência ao uso de aparelhos celulares e tablet



Fonte: dados coletados na pesquisa

Meninos (majoritariamente) sentados ou deitados (no sofá ou em sua cama), se representam numa atividade cuja visualização já se tornou corriqueira para todos os que contemporaneamente têm contato com crianças e adolescentes - jogando, “mexendo” no aparelho celular ou tablet (às vezes, simultaneamente frente à TV ligada, como no caso do segundo desenho acima). Observe-se que, no conjunto das duas turmas, houve uma certa tendência diferenciadora por gênero nas atividades referidas. Se as meninas revelaram em sua maioria a preferência por assistir à televisão e suas telenovelas, os meninos, por sua vez, mostraram hábitos um pouco diferentes: além de alguns jogarem bola quando chegam em casa, eles também costumam utilizar outros artefatos midiáticos e tecnológicos - tais como videogame, celular e tablet. Aqui, consideramos esses três artefatos tecnológicos como referências midiáticas, porque na contemporaneidade são considerados e utilizados como mídia de entretenimento e conhecimento. Aliás, os jogos eletrônicos têm sido objeto de estudo com aproximação ao campo da comunicação pelas características midiáticas de linguagem, narrativa e interatividade dos games (PINHEIRO, 2004).

Uma possível surpresa em relação a tais menções, vindas de alunos de 4º e 5º ano de escolas públicas (uma, ao menos, situada em bairro de acentuada vulnerabilidade social), pode ser minimizada ao refletirmos sobre o que Girardello & Orofino observam:

Na última década no Brasil, sobretudo em virtude das novas políticas dirigidas às classes populares, houve um aumento muito significativo no consumo de tecnologias de comunicação e informação, em especial a aquisição de telefones celulares e de computadores de uso pessoal (2012, p. 85).

Para além da menção a tais políticas, também é possível especular sobre um eventual acesso a tais aparelhos através de compra de revendas de produtos não provenientes do comércio tradicional, que acaba por colocar também nas mãos das crianças estes artefatos de entretenimento eletrônico.

Considerações finais

Ao trazermos e discutirmos brevemente os dados acima referidos, colhidos em situação de trabalho com livros de literatura infantil, nosso intuito foi contribuir para a discussão sobre as relações possíveis entre a leitura literária e a midiaticização da infância contemporânea.

Em primeiro lugar, ainda que não tenha sido este nosso intuito no presente artigo, é preciso apontar a sensível influência da mídia (tanto as velhas como as novas) na concepção e produção dos livros infantis contemporâneos. Não estamos, com isso, apenas nos referindo à migração, para o livro impresso, de personagens, marcas e imagens advindas de outros produtos culturais, como desenhos animados, filmes, canais de youtube (youtubers), jogos, com um evidente interesse mercadológico e resultados financeiros por vezes exitosos. O que pretendemos apontar é o quanto e como – mesmo mantendo seu formato de livro em papel – variadas obras incorporam elementos da linguagem e das imagens que circulam em outras mídias. As imagens, na atualidade, frequentemente desempenham um papel central nas obras publicadas para crianças, o que era bem menos frequente há apenas algumas décadas atrás. Observe-se que, nos dois livros que serviram de base à produção dos dados aqui referidos, as histórias restariam nitidamente incompletas se fossem reduzidas ao texto escrito. É evidente que esta é uma característica que leva em consideração a existência desta nova infância, sem que, no caso, isso resulte em prejuízo à qualidade estética e criatividade que permeiam as obras.

Em segundo lugar, se obras para crianças falam de sentimentos, situações e vivências humanas, deve-se considerar o quanto tais dimensões – como o medo, a esperança, a amizade, a incerteza, p.ex. – também são abordadas em outros produtos culturais acessíveis para as crianças. Se, para a leitura ser significativa – não só para crianças, mas para quaisquer leitores, ela deve mobilizar nossas experiências anteriores, deve nos afetar e se integrar a nossas vivências através de diversas articulações, parece-nos evidente que a presença das referências midiáticas feitas pelas crianças não pode ser minimizada, afastada como não canônica, relegada ao plano do simples entretenimento. Neste sentido, práticas de mediação que permitam e, inclusive, incentivem o estabelecimento de relações entre o mundo trazido na obra e o mundo vivido pela criança – intensamente povoado pela mídia, como se pôde verificar – podem potencializar este encontro da criança com a riqueza do texto literário. Afinal, é forçoso reconhecer a implicação emocional de muitas infâncias nos diferentes mundos ficcionais atualmente oferecidos pelas mídias, tanto através do que é oferecido pela TV aberta, quanto através do que se torna acessível nos celulares e tablets, como jogos, sites etc. Afinal, no século XXI – e revisitamos o título do livro de Sibília (2012), *Redes ou paredes* – não faz nenhum sentido aos educadores estabelecerem *paredes* entre os ritos da leitura literária, mantida pela escola, e as experiências efetivamente vividas pelos jovens leitores, mas, sim, cabe-lhes incentivar e possibilitar a eclosão de *redes* de significados intertextuais entre as vivências culturais desses novos leitores (indiferentemente de a qual estrato socioeconômico pertencem), em contato (inarredável) com as velhas e novas mídias.

Referências

- BRAGA, J. L. Miatização: a complexidade de um novo processo social. (Entrevista). **Revista do Instituto Humanitas Unisinos** (digital), n. 289, ano IX, 2009. Disponível em: http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2477&secao=289.
- BUITRAGO, J. **A Caminho de Casa**. Ilustrações: Rafael Yockteng. São Paulo: Editora SM, 2012.
- CHAMBERS, A. D. **Espacios para la lectura**. Mexico: Fondo de Cultura Economica, 2007.
- ERLBRUCH, W. **O pato, a morte e a tulipa**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- FANTIN, M.; GIRARDELLO, G. (Org.). **Liga, roda, clica: estudos em mídia, cultura e infância**. Campinas: Papyrus, 2008.
- FANTIN, M. Cinema e Imaginário Infantil: a mediação entre o visível e o invisível. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 205-223, maio/ago. 2009. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/9357/5546>.
- FAUSTO NETO, A. Miatização, prática social: prática de sentido. **Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação e Comunicação (COMPÓS)**, 15, Bauru/SP. 2006. Anais eletrônicos. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_544.pdf.
- GIRARDELLO, G.; OROFINO, I. Crianças, cultura e participação: um olhar sobre a mídia-educação no Brasil. **Revista Comunicação, mídia e consumo**. São Paulo vol. 9, n. 25, p. 73-90 ago. 2012.
- GOMES, P. G. 2016. Miatização: um conceito, múltiplas vozes. **Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia**. v. 23, n. 2. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/22253/14176>.
- PINHEIRO, C. M. P. A história da utilização dos games como mídia. **Anais do 4º Encontro Nacional da rede Alfredo de Carvalho**. São Luis: Rede Alcar, 2006. P 1-14.
- PORTAL CRIANÇA E CONSUMO. **Tempo diário de crianças e adolescentes em frente a TV aumenta em 10 anos**. Instituto Alana. Notícias. 19 de jun 2015. Disponível em: <http://criancaconsumo.org.br/noticias/tempo-diario-de-criancas-e-adolescentes-em-frente-a-tv-aumenta-em-10-anos/>.
- PORTAL CRIANÇA E CONSUMO. **Consumismo infantil: um problema de todos**. Instituto Alana. Disponível em: <http://criancaconsumo.org.br/consumismo-infantil/Ac>.
- RATIER, R. David Buckingham fala sobre Educação para as mídias. **Nova Escola**. Edição 239. Fev. 2011. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/879/davidbuckingham-fala-sobre-educacao-para-as-midias>.
- SIBILIA, P. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.